



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LENILDA SOARES MARQUES

**UM ESTUDO DA LITERATURA NA ESCOLA:
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE EDUCADORES E EDUCANDOS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

LENILDA SOARES MARQUES

**UM ESTUDO DA LITERATURA NA ESCOLA:
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE EDUCADORES E EDUCANDOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



M357e Marques, Lenilda Soares.
Um estudo da literatura na escola: análise das práticas de educadores e educandos / Lenilda Soares Marques. - Cajazeiras, 2009.
58f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura infantil. 2. Prática de leitura. 3. Literatura na escola. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

LENILDA SOARES MARQUES

**UM ESTUDO DA LITERATURA NA ESCOLA: ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DE EDUCADORES E EDUCANDOS**

Aprovada em ____ / ____ / ____.

MS. Maria Janete de Lima

**CAJAZEIRAS/PB
2009**

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que direto ou indiretamente me apoiaram, durante a realização de mais um dos meus ideais.

Aos colegas e amigos que compartilharam junto comigo os sabores e dissabores desta difícil caminhada.

A professora, Maria Janete de Lima que nos acompanhou e orientou, durante a realização de todo este estudo.

A todos aqueles que como eu, acreditam que a chave para uma sociedade mais justa e igualitária é a Educação.

AGRADECIMENTO

Neste momento de realização, em que foi vencida mais uma etapa na minha vida pessoal e profissional, desejo agradecer a todos os que estiveram do lado vivenciando todos os momentos de alegria e dificuldades apoiando-se um no outro.

Em especial a Deus, por não permitir que fraquejasse nos momentos em que tropeçava e achava que não iria conseguir, pela força que fez brotar no meu ser, todas as vezes que dominada pelo desânimo, cansaço e dificuldades, pensava em desistir de tudo e pela felicidade que me proporciona hoje ao vê mais um de meus ideais realizados.

A meus pais e familiares que souberam entender minha ausência e meu silêncio nos momentos mais sutis.

E ao meu noivo que mesmo indiretamente sempre esteve comigo e soube entender os meus motivos de me fazer ausente e por ouvir os meus desabafos, mesmo quando não entendia minha inquietude.

O sorriso, alegria dum criança que lê, que ouve estórias, que brinca, compensa a luta que possamos ter, para que aquele sorriso e aquela alegria existam. E compensa, ainda, a sua certeza íntima de que estamos abrindo novos horizontes e possibilidades para centenas de crianças, através da leitura. Estaremos ensinando quanto vale o livro; dando-lhes o hábito da leitura, fazendo-os amar o livro estaremos assimilando responsabilidades e cumprindo o nosso dever com as gerações que formarão os homens do amanhã.
(DENISE FERNANDES TAVARES)

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

RESUMO

A presente pesquisa trata da temática "Literatura infantil", intitulada de "Um estudo da literatura infantil na escola: Análise das práticas de educadores e educandos".

O estudo aqui apresentado tem como objetivo principal pesquisar a efetivação do ensino de literatura infantil na escola. Para tanto realizamos um percurso metodológico pautado na pesquisa "estudo de caso" na qual fizemos uso de instrumentos como observação e questionário, deste modo a presente proposta dividi-se em quatro capítulos, breve histórico que vai desde o surgimento da literatura infantil no século XVII até sua chegada no Brasil, a conceituação do termo e arte de narrar e representar histórias, ainda buscamos analisar como está acontecendo no ambiente escolar, na própria sala de aula e como deveria ser trabalhado conforme os PCNS. Na tentativa de conhecer mais sobre esta modalidade textual, optamos por fazer uma exploração de alguns de seus gêneros e suas origens, elencando os mais conhecidos pelo público infantil como: a poesia, o conto, a fábula e as lendas e finalmente a parte prática desta, momento em que fomos a campo, objetivando vivenciar e fundamentar o estudo na prática cotidiana.

Esperamos que este trabalho venha a contribuir para o despertar da prática diária de leitura partindo de textos literários desenvolvendo nos sujeitos do ato educativo o prazer de ler.

Palavras-chave: conhecer, praticar, despertar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título Um estudo da literatura infantil na escola: Análise das práticas de educadores e educandos, o qual decidimos abordar por ser uma das modalidades textuais que mais chamam atenção das crianças, com suas histórias cheias de magia, fantasia, sonho e proximidade com o mundo infante-juvenil. Além disto, os clássicos da literatura infantil têm o poder de transportar seus leitores para lugares, onde encontrará um mundo repleto de encanto, conhecimento e beleza que fluem a cada palavra lida, nas páginas das lindas histórias que contamos inúmeros livros, fazendo assim os pequenos leitores embarcarem em viagens fictícias, mas com muito a ensinar. Deste modo buscamos conhecer mais profundamente o assunto visando facilitar a prática dos educadores na formação do leitor competente e habitual.

Diante disto a pesquisa foi desenvolvida pautada nos seguintes objetivos:

Pesquisar a efetivação do ensino da leitura infantil na escola; Identificar e analisar as práticas dos educadores e a metodologia no trabalho com a literatura infantil; Investigar o uso do material didático e o espaço físico (sala de leitura) e Analisar a prática do educando com a literatura infantil.

Está proposta foi desenvolvida através da pesquisa "estudo de caso" uma técnica bem simples que possibilita ao investigador a adquirir as informações necessárias sobre o objeto investigado. Tal investigação foi realizada na E.E.E. Antonio Teodoro Neto, com cinco educadores e onze educandos do primeiro ano fundamental I, onde foram utilizados como instrumentos de coletas de dados, a observação que possibilita o acesso direto as informações desejadas, delineação da pesquisa e o questionário que mesmo sem a presença do pesquisador é possível obter informações sobre o objeto de pesquisa, este foi aplicado na escola com formulários que contavam com dez questões, sendo que o do educando era composta por questões objetivas de múltiplas escolhas, dada a idade e o nível de escolaridade das crianças e as dos educadores contendo questões subjetivas nas quais eles puderam expressar-se livremente.

A pesquisa aqui apresentada divide-se em quatro capítulos: o primeiro conta com um breve histórico da literatura infantil, fazendo uma explanação geral que inicia-se com o seu surgimento no século XVIII, falando também de sua chegada no Brasil e todas as evoluções que sofreu até os dias atuais e este ainda conta com conceituação da arte literária como uma das formas de ganhar o leitor pelo fascínio que este tipo de leitura exerce sobre as crianças.

No II capítulo buscamos adentrar na prática da literatura infantil no ambiente escolar, pois sendo este um espaço propícia para a construção do conhecimento, não mais justo que seja nele que se desenvolva o hábito da leitura. Este ainda busca mostrar como se dá esta prática na sala de aula e como os PCNs abordam questão do trabalho com textos literários.

O III capítulo tem como objetivo principal apresentar alguns dos gêneros textuais da literatura infantil das quais selecionamos as mais conhecidas pelas crianças que são: a poesia, arte de brincar com as palavras para dar rima, ritmo e tom, os contos com histórias maravilhosas cheias de sonhos, amor, fantasia e lições de vida, as fábulas que trazem em seus enredos animais falantes e a lendas que fazem parte da cultura popular, e são conhecidas em todas as Regiões do Brasil, por adultos e crianças.

E o IV capítulo é referente à parte prática e a metodologia da pesquisa deste estudo no qual foi exposto, análise de dados, o estudo de caso, as análises dos questionários e do estágio e caracterização de instruções onde foi desenvolvidas a presente pesquisa.

Esperamos que este venha a contribuir de alguma forma para que a prática com o texto literário e os clássicos da literatura infantil deixem de fazer parte apenas dos momentos das aulas disponibilizados para a recreação e atividades lúdicas, passando assim a está presente nas práticas cotidianas do educando. E que educador comece a enxergar o leque de possibilidades que os livros infantis oferecem no desenvolvimento das atividades de leitura de forma que este dê prazer ao leitor ao ler um conto, uma poesia, uma fábula ou uma lenda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
1. Um breve histórico da literatura infantil.....	10
1.1 O surgimento da literatura tendo como foco os pequenos leitores.....	10
1.2 A literatura infantil chegando no Brasil.....	11
1.3 Conceito da arte literária.....	14
1.4 A arte de narrar e representar histórias para crianças.....	17
CAPÍTULO II	
2. A Literatura Infantil e sua prática no ambiente escolar.....	21
2.1 Literatura infantil na sala de aula.....	22
2.2 As contribuições dos PCNS para a Literatura Infantil.....	24
CAPÍTULO III	
3. A literatura infantil e seus gêneros textuais.....	27
3.1 Poesia e a arte de brincar com as palavras.....	28
3.2 Os contos de fada, sonho, fantasia, lição de vida, amor e realidade.....	29
3.3 Fábula.....	32
3.4 Lenda.....	34
CAPÍTULO IV	
4. Metodologia	
4.1 Estudo de caso.....	36
4.2 Questionário do Professor.....	37
4.3 Questionários dos Alunos.....	42
4.4 Vivência e Convivência.....	46
4.5 Caracterização da instituição.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXO.....	61

CAPÍTULO I

Um breve histórico da literatura infantil

1.1 O surgimento da literatura tendo como foco os pequenos leitores

A literatura infantil surgiu no final do século XVII e durante o século XVIII, antes disto não havia a preocupação de se escrever para nossos pequenos leitores, porque não se valorizava a infância, estes liam os mesmos livros que os adultos ou escutavam histórias clássicas que lhes contavam.

Mas com as mudanças que ocorreram durante século XVIII, nos aspectos econômicos e sociais a exemplo destas, tivemos a industrialização, a migração da zona rural para as áreas urbanas e luta da burguesia para defender seus interesses, buscando para tanto apoio de instituições como, a família e a escola, constituindo-se assim um modelo de família burguês que passa agora a valorizar a infância que até então não existia, pois a criança era considerada um adulto em miniatura, como afirma Zilberman (1994, p.13), "Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado".

Nesta nova sociedade que agora se consolida, surge a necessidade de unir a família e no novo modelo familiar que se constitui a criança passa a ter o seu espaço no meio social, e com isto faz-se necessário que se crie algo voltado para ela, como brinquedos e objetos culturais que desenvolva seu intelecto e de certa forma manipule suas emoções.

É neste panorama e com este objetivo que a literatura infantil começa a adquirir seu espaço no mercado, mas apenas para defender os interesses da burguesia, que tinha como foco principalmente passar para os pequenos leitores desde cedo seus valores e ideais.

Mas antes que os pequenos mergulhassem no mundo da leitura, estes precisavam passar pelos critérios da escola e adquirir os conhecimentos necessários a todos os leitores, como afirmam Lajolo e Zilberman (1988, p.18).

“A literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura da criança, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola”. Desta forma a escola assume um papel fundamental na formação da criança enquanto cidadão e garante a esta a oportunidade e a possibilidade de ler e conhecer as histórias criadas para elas, pois como bem sabemos a leitura é uma forma de levar as crianças a viajar no mundo que as páginas dos livros, contêm, de fazê-las conhecer lugares diferentes, apresentar valores pretendidos pelos escritores e de certa forma deixá-las livres para analisar os comportamentos dos personagens.

Vale salientar que é preciso tomar cuidado com as histórias idealizadas, utópicas e perfeitas que fogem muito da realidade, Lajolo e Zilberman (1988, p.19) corroboram com esta idéia quando afirmam que a “literatura para criança pode ser escapista dando vazão à representação de um ambiente perfeito e por decorrência distante”.

Sendo assim a literatura infantil não pode fugir da fantasia e do encanto, mas também não pode deixar de voltar-se para a realidade dos pequenos leitores o que neste período ainda estava um pouco distante.

1.2 A literatura infantil chegando no Brasil

As obras literárias voltadas para o público infantil apareceu no Brasil quase no século XX, mais precisamente em 1808 período em que o país estava passando por grandes mudanças como a Implementação da Imprensa Régia e é neste momento que começa as publicações de obras literárias voltadas para os nossos pequenos leitores, algo que inicia-se com traduções de livros estrangeiros como os clássicos, a exemplo dos livros “As aventuras do Barão de Munkausen (1818) de José Saturnino da Costa Pereira e “Leitura para meninos.”

Com a modernização e o desenvolvimento das cidades brasileiras, a migração da população rural para as áreas urbanas, o fortalecimento das classes sociais

e os problemas causados pelo acúmulo de pessoas na cidade, a literatura infantil começa a ganhar seu espaço no Brasil e diante desta realidade os escritores passam a ter uma visão diferenciada da literatura que até o momento era apresentada através das concepções dos romancistas que privilegiavam as classes dominantes e que a partir de então buscaria mostrar a realidade suburbana, vida de um povo que sofre, obras que foram escritos por autores brasileiros, como, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e entre tantos outros que enveredaram pelos caminhos destas modalidades textuais.

Os escritores denunciavam as dificuldades da vida nos subúrbios das grandes cidades e das regiões pobres do país, mostrando a realidade o que é evidenciado por Lajolo e Zilberman:

Dos subúrbios emergiu para os livros o cinzento da vida suburbana suada e sofrida, presentes nas principais obras de Lima Barreto. Em resumo, afastada da cintilante vida social carioca, os vários brasis vão tendo seus modos de vida e suas histórias documentadas e tecidas na prosa de Euclides da Cunha...
(LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p. 21).

É neste contexto social que a literatura infantil adquire seu espaço de forma mais consciente afastando-se das idéias do romantismo burguês, atentando para a realidade atual do país, que com a modernização surge a necessidade e busca do conhecimento e da informação.

Diante disto a educação torna-se um importante veículo para formar cidadãos críticos e conscientes que atendam as necessidades e exigências da sociedade. Sendo assim tanto a escola como a literatura adquirem prestígio e passam a ser valorizados e neste momento da história que torna-se quase que obrigatório que se crie e invista-se em materiais que facilitem a leitura e desperte na criança o interesse pelos livros.

Além da história que mostram a realidade impressa nas páginas dos livros infantis, nossos autores também criam obras que exaltam o país e incentivam o amor a pátria, a moral ou civismo, o que nos mostram as poesias escritas por Olavo Bilac em "A Pátria."

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança!
Não verás nenhum país como este!
Olhe que céu! Que mar!
Que rios! Que florestas!
A natureza, aqui perpetuamente em festa!
É um seio de mãe a transladar de carinhos!
Vê que vida há nos ninhos... se que balança no ar entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matos...
(BILAC apud LAJOLO, 1988, p.39).

Percebemos que os autores objetivavam mostrar o que havia de bom nesta terra e fazer com que nossas crianças conhecessem o país e desenvolvessem um amor pela sua pátria. Após este momento de encantamento e declaração de amor e patriotismo começam a surgir outras modalidades de textos mais ainda com cunho exclusivamente educativo, como o livro de Monteiro Lobato publicado em 1921 "Narizinho Arrebitado" (segundo livro de literatura para uso das escolas primárias) que na época foi um sucesso de vendas. A partir de então, além de Lobato, outros autores como Godin da Fonseca que publicou o livro infantil "Reino das Maravilhas" também começam a fazer sucesso.

Neste momento a literatura infantil avança e cresce bastante tanto nos aspectos quantitativos como qualitativos e vários outros que se dedicam a estas modalidades de gêneros textuais surgem no mercado o que fica evidente quando Lajolo e Zilbeman (1988, p.41) afirmam que: "O crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros".

Podemos dizer que isto se deve a modernização, os avanços tecnológicos e com o aumento da escolarização no país. Com isto surgia no mercado à necessidade de oferecer diversidades textuais voltadas para os pequenos.

Desta forma a história da literatura infantil brasileira foi sendo modificada de acordo com cada etapa pelas quais passou a sociedade, buscando acompanhar as exigências do mercado de livros e atender as necessidades de

nossos pequenos leitores que tornam-se cada vez mais seletivos. Como afirmam Lajolo e Zilberman:

Aparentemente desapareceu desses livros infantis o compromisso com a história oficial, com heróis pátrios e com conteúdos escolares, um exame mais atento da produção infantil contemporânea revela a permanência da preocupação educativa agora com outros valores menos tradicionais e acredita-se libertadores.
(LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p.161)

Diante disto a nossa literatura infantil atualmente ainda está preocupada com o caráter educacional, mas de forma menos afetiva e mais branda, agora na perspectiva de atender as necessidades e interesses do leitor.

1.3 Conceito da arte literária

Definir literatura não é fácil pelo que ela representa como gênero textual, esta é uma arte que busca ganhar seus leitores pelo fascínio e pelo conhecimento que proporciona então literatura é arte de usar as palavras, de criar história e despertar emoções, viagens fantásticas e imaginárias para diferentes leitores de lugares e tempos diferentes, provocando nestes efeitos distintos.

Esta é a arte ficcional pela qual o autor se apropria das palavras para contar fatos e histórias fazendo com que seus leitores entendam o mundo através da visão e da concepção que o autor tem do mesmo e da sociedade que o cerca, algo que pode ser mostrado através da vivência de seus personagens e do tempo em que se encontra, como diz este Autor Desconhecido:

Na literatura que é arte pelas palavras, a criação, não vem do nada, mas no que quer que ela se apóie será original no modo novo, no arranjo diferente das palavras na invenção, na transgressão, na quebra de clichês, no ponto de vista exclusivo que determinará um efeito único especial um estilo próprio e inconfundível [...]
(S/A, 2008, p.3)

Desta forma a literatura é uma arte que encanta, que desperta opiniões, representa o belo e busca a recriação, estimula a fantasia e dá vida às personagens. Esta dar ao leitor a opção de escolha a quem busca nela apoio ou distração, assim a arte literária é uma opção pessoal de livre escolha que

proporciona prazer, aventura, emoção, sonho e conhecimento que só é possível encontrar no mundo dos livros e das palavras.

Atualmente na sociedade é difícil encontrar crianças que tenham o hábito da leitura, pois neste mundo informatizado os nossos pequenos passam a maior parte do tempo ligado na TV, no computador e as demais tecnologias e além destes problemas ainda encontramos crianças que pertencem às camadas menos privilegiadas que não tem acesso a literatura por falta de informação familiar, estes encontram na escola a única oportunidade de ler ter contato com os livros. Portanto a nossa responsabilidade como educadores e formadores é cada vez maior, por isto, é preciso despertar nestes o interesse pelo o mundo dos livros, seus contos e fantasias “[...] é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente” (ABUD, 1987, p.5).

Assim nossos pequenos leitores precisam ser motivados a buscar nos livros as aventuras, sonhos, oportunidades e possibilidades de inventar e recriar histórias, pois através da leitura o leitor tem o poder de manipular o tempo e envolver-se nas idéias e acontecimentos, podem manipular as histórias contando-as, interagindo com ela e viajar no seu mundo. E ainda busca soluções para problemas de convivência e desafios que estas apresenta, além do enriquecimento cultural e pessoal que a leitura de bom livro pode proporcionar.

Na sociedade dos dias atuais em que a informação é fundamental, a leitura torna-se um ato essencial para a formação do cidadão consciente e crítico. Diante disto faz-se necessário estimular nos pequenos desde cedo o hábito de ler, o prazer de buscar nos livros a emoção de ler e vivenciar as histórias através da palavra escrita, pois segundo Bomtempo (2005, p.7): “Uma boa leitura é como uma música que vivencia. A arte da palavra e a leitura do imaginário se caracteriza por um certo grau de imprevisibilidade dos acontecimentos [...] As emoções que experimentamos quando entramos no universo dos livros são únicas”.

Sendo assim percebemos que é preciso chamar à atenção dos pequenos leitores para o leque de possibilidades que a leitura de um bom livro pode proporcionar, cabe a nós educadores fornecer-lhes material e diversidade de textos para que eles tenham a oportunidade de ter contato com diversos tipos de leituras, além de fornecer-lhes subsídios necessários para que as crianças possam entrar no universo dos livros e abrir-se para conhecer culturas diferentes, e outras formas de expressão. Mas devemos tomar cuidados para que o nosso desejo, de fazer com que nossos pequeninos leiam, não signifique para eles uma prisão ou uma obrigação e sim ato livre em que ela busque os livros por sua própria vontade e interesse e possa descobrir que a literatura não lhes fornece só aventura, fantasias, ela também contém informações que serão valiosas para sua vida pessoal e estudantil que poderão lhe auxiliar na compreensão de determinados conteúdos disciplinares, a exemplo de história e geografia.

Os educadores podem estimular ainda mais o aluno ou traçar estratégias de leitura que objetivem facilitar a prática da leitura em sala de aula, com o intuito de facilitar o ato de fazer todos participam com entusiasmo como sugere o professor de literatura infantil, Sagae:

[...] uma prática de colaboração participativa, num jogo entre adultos e crianças em sessões de leitura compartilhada. Nessas ocasiões, certas estratégias de leitura entram em ação pelas mãos, pelos olhos e pelas bocas dos professores e dos alunos "denunciando" até mesmo como cada participante fez e faz para alcançar a compreensão do texto [...] A criança aprende exercitar e revisar suas próprias estratégias dividida em dois momentos contínuos [...] pré-leitura e pós-leitura sempre em atmosfera afetiva e efetiva quando nos ocupamos com a formação do leitor e de nós mesmos estratégias de leitura quando entra na brincadeira. (SAGAE, 2005, p.11)

Desta forma a criança vai perceber que o ato de ler pode tornar-se divertido sem que seja apenas uma brincadeira, e que na leitura ela pode encontrar um sentido para o texto que vai ler nas páginas do livro sem que esta torne-se enfadonha e que ela poderá criar e recriar histórias da forma como entendeu o que leu.

A sugestão de Sagae é um excelente exemplo de como se trabalha a literatura em sala de aula, mas além desta o educador poderá buscar outra forma de

estimular a leitura dos pequenos, uma das melhores formas é o professor mostrar que tem total domínio da história que vai contar e que também é um leitor assíduo, além de promover o encontro do educando com a história dando-lhes a oportunidade de expressar suas opiniões sobre o que ele leu e despertar a curiosidade da criança sobre o livro que ainda vai ler, trabalhando-o desde a capa fazendo primeiro uma pré-leitura com a turma para depois uma leitura em si como afirma Sagae:

O encontro com o livro, para abraçar a literatura pode ser pensado e dividido em dois momentos contínuos [...] pré-leitura e pós-leitura sempre em atmosfera afetiva e efetiva quando nos ocupamos na formação do leitor e de nós mesmos. (SAGAE, 2005, p.11-12)

Diante disto cabe ao educador formar o leitor mirim que sinta prazer no ato de ler e que encontre a beleza que flui na palavra escrita, desenvolvendo nesta, um imenso gosto pela leitura que o faça querer ler desde uma fantástica lenda esquecida até histórias e acontecimentos banais do cotidiano que expressam a realidade vivida e que ela lamente secretamente quando chegar o final de um livro. A criança que ama verdadeiramente a literatura irá sempre buscar novas fontes de leituras e nunca deixará de ler e vivenciar as aventuras e o conhecimento que esta irá lhe possibilitar.

Esperamos que hábito de ler e conhecer o que as palavras escritas têm a dizer e acompanhe os nossos pequenos em todo o seu percurso fornecendo-lhes subsídios para o seu desenvolvimento cultural e pessoal por toda a sua vida.

1.4 A arte de narrar e representar histórias para crianças

Ler história para crianças, sempre sempre... é poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira...
(ABRAMOVICH, 1998, p 17)

Quem não lembra da voz de sua mãe, sua avó, ou professora, contando aquelas histórias antigas e fantasiosas quando éramos crianças?

Histórias que sempre começavam com “Era uma vez...”, “Certo dia...”, “A muito tempo...” e assim criava-se aquele suspense e você ficava curioso para saber o que vinha depois, não é?

É assim desde muito antes da criação da literatura infantil, que as crianças escutam alguém narrar uma história, na hora de dormir, ou quando a família se reunia a noite o pai ou mãe contavam histórias criadas ou fatos do passado.

Para quem ouvi uma história é muito gostoso, ficar ali parado ouvindo o outro imitar a voz dos personagens, fazendo pausas na parte mais interessante ou alterando o tom de voz quando alguém fica irritado e falando manso quando o personagem bonzinho fala.

Por isto para se narrar para crianças é preciso saber aguçar a curiosidade dos ouvintes para que tenha vontade de ouvi-la até o final sem se cansar ou desinteressar-se, a arte de contar uma história e fazer com que o ouvinte sinta e vivencie todas as emoções, todo o impacto, e acompanhe com sua imaginação todo o momento da história sentindo-se como parte dela, pois segundo Abramovich:

E ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, com a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, a alegria [...] a tranquilidade, tantas outras é viver profundamente tudo o que as provoca em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 1998, p.17)

Mas para provocar tais emoções nos seus ouvintes o narrador deverá selecionar as histórias que ler, pois ele precisa conhecer o que vai contar, como o autor articula suas frases, que palavras usa para não fazer pausa nos lugares errados, ou emperrar no nome de um personagem ou uma palavra com a qual não está familiarizada, além disso, o narrador não pode demonstrar para seus ouvintes que perdeu o pique ou que se assustou diante de um fato que surgiu no meio da história e fica perdido quando encontra algo que não espera que houvesse no texto.

Quem vai contar uma história precisa ter bastante cuidado ou selecioná-la, pois um narrador deverá ter cautela e atenção para o momento que seus ouvintes (alunos) estão vivenciando preocupar-se com o assunto que o texto aborda, se apresenta qualquer tipo de preconceito ou fato que não vai ser bem recebido no ambiente a que se destina e entre muitos fatores que contribuirão para o sucesso ou fracasso que a história possa causar entre os ouvintes, como afirma Abramovich:

O critério de seleção é do narrador [...] e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças e o momento que estão vivendo, as referências de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto. (ABRAMOVICH, 1998, p.20)

O narrador deve ter bem claro que após a seleção do livro que será lido par seus ouvintes, ele terá como obrigação ler e reler a história para que conheça muito bem e na hora de transmiti-la seja capaz de contá-la com muita segurança e clareza passando para seus ouvintes toda a emoção que ela contém fazendo com que estes cheguem até aqueles que o ouvem e os possam sentir tudo o que quem está contando sentiu ao ler. O narrador tem que saber aproveitar tudo o que houver no texto para criar um clima que envolva e encante todos os seus alunos dando tempo para que as crianças dêem asas a seu imaginário.

Sempre que se for narrar história para crianças é preciso criar um clima para envolver o ouvinte o que deve ser feito desde o momento em que se inicia a história começando com aqueles velhos chavões a exemplo "O Leão e o Rato". "Certo dia na floresta!!! Valente leão, rei da selva, dorme sossegado até que...O que é isto no meu rosto?" FREITAS (S/A, p.1).

Com isto o narrador desperta nos seus ouvintes curiosidade de saber o que vai acontecer depois e fazer com que eles se perguntem o que aconteceu? Como história irá continuar? Quem conta a história também deverá buscar um jeito interessante de finalizá-la para que não acabe com todo o encanto e mistério que criou ao iniciar.

Diante disto percebemos que narrar é um ofício difícil que exige do narrador muita preparação e segurança no que faz. Esta arte requer muito domínio total da história a qual pretende-se contar e de certa forma representar para que seus ouvintes mantenha-se ligada na história sem perder o interesse por ela.

CAPÍTULO II

2. A Literatura Infantil e sua prática no ambiente escolar

[...] a escola é hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quais quer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro [...] o estudo e conhecimento da língua.
(COELHO, 2000, p.16)

Sendo a escola um espaço voltado para a construção da consciência crítica e formação do cidadão, nada mais justo, que ela incentive seus alunos a tornarem-se leitores, abrindo para estes as portas do conhecimento e da informação, objetivando fazer com que o educando torne-se um leitor assíduo. Para tanto na instituição escolar deve-se criar um a forma de incentivar a leitura e um ambiente propício para ela, isto deverá ser feito com a participação de todos aqueles que estão inseridos no universo escolar, mas isto não quer dizer que a escola imponha para o aluno o que eles deveram ler.

Pena que isto é o que acontece na maioria das escolas que trabalham com a literatura infantil, pois geralmente a escola partindo de um currículo adota alguns títulos de livros determinam que seus alunos os leiam durante o ano letivo e o educando acaba lendo pela mera obrigação, vendo a leitura como um dever a ser cumprido. E assim o ato da leitura deixa de ocorrer livremente com isto à criança não poderá escolher o tipo de leitura que deseja. O ideal seria que o próprio aluno pudesse escolher o título do livro que desejaria fazer a leitura, mas é claro que isto é algo que deve ocorrer com a ajuda dos educadores de acordo com a faixa etária e a capacidade de compreensão da criança.

É importante ressaltar que quando se fala em literatura na escola não quer dizer que ela necessariamente tenha apenas cunho educativo, mas seria a conciliação dos dois tanto do informativo, como do divertimento em que a criança busca o livro tanto pelo prazer de ler, como pelo conhecimento que ele proporciona. Além de levá-la a desenvolver um senso crítico e reflexivo a partir

da leitura feita o que segundo Zilbermam (1994, p. 21) [...] enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se torna em o espaço para a criança refletir [...].

Desta forma cabe a escola proporcionar ao educando o acesso as diversidades de livros existentes dando-lhes a possibilidade de encontrar toda a forma de leitura que desejar. Com isto a instituição de ensino estará reconhecendo seu papel na formação do leitor habitual e afirmando sua capacidade de atuar como agente estimulador do processo de aquisição da leitura e propiciar as mais variadas experiências que ele poderá encontrar no mundo da escrita, de ler diferentes linguagens e de poder observar diversos pontos de vista e opiniões.

Por isto é fundamental que na escola exista uma grande diversidade de obras voltadas para o público a que esta atenda e ainda um lugar reservado para os livros como uma biblioteca ou um espaço para o desenvolvimento da prática de leitura dentro da instituição (sala de aula) onde o educador possa estimular a leitura e oferecer ao educando um momento prazeroso de encontro com os livros e com tudo o que a literatura pode proporcionar ao seu leitor, o que percebemos na afirmação de Coelho (2000, p. 29): “[...] no encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens tem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.”

Diante disto percebemos o papel da literatura infantil na formação do educando desenvolvendo neste uma consciência crítica e reflexiva do mundo que encontrar dentro e fora da escola, propiciando a criança um espaço privilegiado onde este possa ir de encontro ao mundo maravilhoso da escrita, seja esta voltada para o papel fundamental que a escola tem na formação do leitor que pensa, indaga, reflete e diverte-se com a mágica e sabedoria dos livros.

2.1 Literatura infantil na sala de aula

A literatura infantil passou a ser vista na escola como uma importante fonte leitura para crianças no momento que adquiriu status científico, fato que só

ocorreu quando percebeu-se que esta era produzida pelos adultos e que de certa forma serviria para manipular os pequenos, tendo em vista a dominação da infância, todavia esta só passou a se apresentar no âmbito escolar após muitas pesquisas feitas em universidades. A partir daí a literatura infantil passou a pertencer os currículos das universidades em especial no curso de Letras, isto após uma investigação sobre seus aspectos metodológicos.

Com isto tal modalidade textual começou a ser usada na escola como uma fonte de leitura muito importante para desenvolver na criança o gosto de ler, facilita seu aprendizado, a percepção do mundo que o cerca e até a interação com a turma.

Para que o trabalho com literatura seja proveitoso para ambos, para o professor trabalhar com esse gênero textual faz-se necessário, que ele tenha um acervo muito rico de livros, que se tenha obras próprias para o público a que se destina, saber aproveitar em sala de aula o material que existe voltado para as crianças e busca a melhor maneira de usar tais materiais com objetivo de fazer seus alunos a lerem, conversar sobre a história apresentada, sobre o relacionamento dos personagens fazendo paralelo entre a realidade e ficção e pedindo a opinião dos pequenos sobre o texto, Zilberman corrobora com esta idéia quando afirma que:

Isto significa, por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos na medida em que, como se viu, permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade. (ZILBERMAN, 1994, p. 27)

Já no caso do educando o trabalho com a literatura infantil ajuda o despertar para o prazer de ler, de viajar no mundo maravilhoso das palavras, que podem auxiliar na aprendizagem para que a criança não aprenda apenas a decodificar, além adquirir um vocabulário amplo e uma escrita correta, atividades como contar história e rodas de leitura constrói o entrosamento do aluno com o universo da leitura que o oferece para este um mundo de possibilidades.

Mas o trabalho com leitura precisa ser estimulado todos os dias e não é algo que deve ser feito para preencher o tempo que falta para a aula acabar, esta

atividade deverá ser realizada com um planejamento e uma seleção previa do tema que vai ser abordado, das questões que vão ser levantadas para os alunos e como estes irão receber o texto. Além desta postura o professor deverá montar em sua sala de aula um cantinho preparado e bem organizado onde seus alunos possam encontrar diversas fontes de leitura este cantinho deverá ser organizado de forma que os pequenos encontrem facilidade de acesso e tenham oportunidade de manusear os livros sempre que queiram.

Na sala de aula os livros devem ter um cantinho especial, pois esse “cantinho” tem o objetivo de dar à criança a oportunidade de perceber que em sala de aula há um lugar onde ela poderá desenvolver uma prática de leitura ficcional como também informativa e o professor terá a possibilidade de executar uma série de atividades relacionada à leitura, valendo salientar que no cantinho da leitura não necessariamente deverá ter só livros com histórias de heróis bem como histórias que informem, formem opiniões, divirta ou relacionada ao cotidiano e a realidade.

Trabalhar com a literatura é muito importante para se formar um pequeno leitor, que ler pelo prazer e pela necessidade de buscar conhecimento na palavra escrita, pena que na maioria de nossas escolas a literatura infantil é apenas utilizada em pequenos momentos para matar o tempo ou no último dia da semana quando as crianças já estão cansadas.

Diante disto a leitura é um excelente recurso que o professor poderá utilizar em sala de aula para desenvolver no aluno hábito da leitura e facilitar sua aprendizagem e ensinar a ler sem que a criança apenas decodifique sendo assim a literatura é um facilitador para o professor e o aluno.

2.2 As contribuições dos PCNS para a Literatura Infantil

Na sociedade contemporânea, torna-se cada vez mais importante que as instituições escolares formem leitores capazes de ler, compreender, interpretar os diversos tipos de textos e ainda retirar destas lições de vida pessoal, pois em meio ao caos, a correria e a facilidade tecnológica, faz-se necessário que o

leitor encontre e faça do momento de leitura algo que lhe dê prazer e o leve a refletir, o que poderá encontrar com facilidade nos textos literários conforme afirmam os PCNS (2001, p. 36). "as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de sua vida melhora com a leitura."

Desta forma o ato de ler precisa ser visto pelo leitor como algo recompensador onde ele terá contato com textos que possibilitarão uma mudança ou uma melhoria na sua vida pessoal, profissional, estudantil ou intelectual, e a escola é um veículo para despertar desde início da formação do educando o gosto pela leitura, uma das formas mais eficazes de fazer isto e trazer para prática cotidiana da escola além dos textos convencionais, os literários, como um conhecimento fantasioso e mágico, mas que esconde nas suas entrelinhas alguma informação que seu leitor irá levar para o mundo real como uma reflexão ou um sentimento que o fará repensar atitudes, rever seus atos, a relação que tem com o outro e busca melhor entender seu meio social e pessoal, como afirmam os PCNS.

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximação e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens. (PCNS, 2001, p. 37)

Pensando assim o trabalho com a literatura na sala de aula envolve não somente a questão de fazer uso dos textos literários (contos, fábulas e entre outros) para ensinar bons hábitos ou ainda apenas para proporcionar o educando momentos de prazer e distração.

Diante disto percebemos que o texto literário pode ser utilizado objetivando tornar o leitor autônomo e crítico, capaz de refletir e tecer considerações a cerca dos diversos tipos de linguagem com as quais terá contato, além de propiciar ao educando o conhecimento de lugares e mundos distantes, mágicos, dando-lhes a oportunidade de fugir um pouco de realidade, quando convém, de voltar no momento certo e ainda de trazer da ficção algo que possa fazer parte da vida real, possibilitando assim ao leitor a oportunidade de

repensar e rever conceitos, conhecer outras formas de expressão e relatar fatos do cotidiano ou imaginário. Aqui fica claro que interessante que o pequeno leitor possa transitar entre o que é real e o que faz parte do imaginário.

CAPÍTULO III

3. A literatura infantil e seus gêneros textuais

A literatura pode se apresentar em diversas formas ou gêneros, pois isto que optamos por adotar dois destes que seriam a poesia e a ficção (contos de fada, fábula e contos folclóricos). Diante das diversas modalidades textuais objetivamos conhecerem pouca da nossa arte ficcional e poética destacando entre elas, os contos de fadas que fascinam e emocionam pela fantasia que proporcionam em lições de vida, amor, amizade e a luta do bem que sempre é frágil contra o mau, que tem um grande poder mais que nunca vence. As fábulas que contam histórias de animais que falam e se assemelham ao ser humano. Os contos folclóricos caracterizados pelas lendas que apresentam-se como uma expressão oral e fantasioso. E por fim a poesia que é a arte de brincar com as palavras dando-lhes ritmo e rima.

É interessante observar que estes gêneros textuais oferecem para o pequeno leitor além do fantástico, da fantasia, informações que o ajuda a lidar com sentimentos como: perda, violência, amizade, amor, agressividade, tudo isto tratada de forma clara, branda e com uma linguagem de fácil acesso entre as crianças. Desta forma o educador tem a possibilidade de trabalhar, com o educando as mais variadas questões com objetivo de não só fazer com que o educando deixe fluir a sua imaginação mais que também compreenda e conheça situações com as quais terá que conviver no cotidiano de acordo com a capacidade e idade que tem para entendê-la, por isto o professor precisa selecionar com cuidado as obras que irá ler junto com seus alunos, e ter a atenção de escolher livros que já conhece e de acordo com o nível de conhecimento das crianças.

Diante disto consideramos que seria oportuno conhecermos um pouco de cada modalidade destes gêneros textuais.

3.1. Poesia e a arte de brincar com as palavras

Poesia é brincar com
palavras como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que bola, papagaio,
pião de tanto brincar
se gostam.
As palavras não: quanto
mais se brinca com
elas mais nova ficam.
(POESIA CONVITE DE JOSÉ PAULA PAES, 2002, p. 57)

Este gênero textual é alvo de muitos críticos porque acredita-se que a poesia é feita para a criança tem que ter intuito ou então é aquela coisa simplória, que muitas vezes subestima a capacidade de compreensão do pequeno leitor por ser um texto pequeno e bobinho.

Por este motivo existem poucos autores que dedicam-se a poesia e além disto acredita-se que esta modalidade textual costuma tratar de temas ligados a pátria, datas comemorativas e expressar algum fato triste ou ainda é vista como um texto que tem apenas o objetivo divertir e fazer uma brincadeira com as palavras.

Mas a poesia não é apenas palavras que reinam, que tem ritmo e uma forma de brincar com as palavras objetivando provocar no leitor sensações e emoções que o envolvem em momentos que misturam, prazer, brincadeira e serenidade, como diz Abramavich (1997 p. 67) "Há poetas que brincam com as palavras de um modo gostosíssimo de a crianças ouvir e ler".

Diante disto o autor que dedica-se a poesia encontra-se diante da possibilidade de brincar e jogar com as palavras, envolver o leitor em uma viagem convidado pelas palavras escritas, como podemos perceber na poesia O Pinguim.

Bom dia Pinguim
Onde vai assim
Com ar apressado?
Eu não sou malvado
Não fique assustado
Com medo de mim
Eu só gostaria
De dar um tapinha
No seu chapéu jaca
Ou bem de levinho
Puxar o rabinho
Da sua casaca
(MORAIS apud ABRAVAMICH, 1997, p. 73)

E assim percebemos que a poesia é um gênero textual gostoso de trabalhar, pois é uma forma de divertir a criança e possibilitar ou professor usá-la como um instrumento para facilitar a aquisição da leitura, pois através desta ele encontrará artifícios para expor determinados conteúdos e desenvolver a criatividade dos educandos.

A poesia é uma mistura de palavras que brincam, reinam e apresentam-se de forma lúdica, divertida e informativa, com objetivo de despertar no pequeno leitor emoções, sentimentos, sonhos e fantasias. Através desta a criança tem a possibilidade de descobrir que a palavra escrita possui o poder de despertar momento de prazer durante a leitura e depois dela, além de uma ótima discussão com os colegas e professor onde a criança poderá falar de como ver o texto o que aprendeu com ele.

Diante disto percebemos que a poesia é uma modalidade textual que oferece ao educador a possibilidade de trabalho a leitura de forma gostosa para o educando que vai ler um texto simples envolvente sem se torna algo cansativo para ele.

3.2 Os contos de fada, sonho, fantasia, lição de vida, amor e realidade

"Era uma vez em um lugar muito distante um príncipe ou princesa". É sempre assim que começam os contos de fada que encantam muitas crianças, independente da classe social, pois quem não se lembra das histórias que liam quando eram pequenas ou escutavam alguém contar?

Os primeiros contos escritos datam do século XVI, foi neste período que surgiu o conto com motivo folclórico que é representado pela coletânea que foi denominada "Gesta Ramanorum" que foi escrito em latim e poucos anos depois surgiria os contos árabes que ficaram muito famosos e ainda são atualmente, o exemplo das "Mil e uma noites" que ficaram conhecidos nos séculos XIV e XVI, contos estes que narram a história de um príncipe que foi traído por sua esposa e resolve não se apaixonar até conhecer Sharazade que o envolveu com seus contos durante mil e uma noites fazendo com que ele se apaixonasse por ela e decida não matá-la, assim como fez com as outras, pois ele era um homem cruel que livraria-se de suas esposas no dia seguinte ao casamento, mais a inteligência de Sharazade com suas narrativas maravilhosas o envolveu e despertou sua curiosidade fazendo com que ele ficasse encantado por ela.

Através deste, podemos ver o que a imaginação e o fascínio que a narrativa causou no ouvinte fez com este mudasse de idéia e desistisse do seu objetivo. Assim, percebemos o envolvimento e o encantamento que os contos proporcionam a quem os ouvem e isto acontece com quase todos os contos que além de levar o leitor a viagens maravilhosas num mundo de fantasia, ainda permite a este interpretá-la de várias formas e tirar dele lições para sua vida.

Como é o caso dos contos de fada ou contos maravilhosos que apresentam em seus elencos de personagens imortais (fadas, bruxas e gênios) que lutam e ajudam o bem a obter sua vitória sobre o mau, o que vemos em estórias muito conhecidos por todas as crianças e adultos a exemplo de Branca de Neve e os Sete Anões, Peter Pam, Cinderela ou Buralheira que trazem nas suas entrelinhas sempre algo positivo a passar para seus leitores, o que percebe-se no conto da Cinderela como afirma Chalita que:

Ao lado de tantos outros contos inesquecíveis é uma dessas lembranças [...] indetíveis eternizados por uma misteriosa junção de fatos. Entre eles a capacidade de dar aos seres humanos recursos para sonhar [...] vivenciamos sensações e sentimentos diametralmente da ficção a ampliação de nossos horizontes, nossa perspectiva, nossa sensibilidade. (CHALITA, 2005, p. 99)

Por ser um conto que retrata a estória de uma jovem órfã, que sofre nas mãos da madrasta e suas filhas, Cinderela encanta os seus leitores pela fantasia evidenciada pela presença da fada madrinha que transforma em linda princesa que com tamanha beleza conquista o amor de um príncipe que a tira da vida de sofrimento que vivia, e ainda desperta sentimentos como amor, esperança e humildade o que fica evidente em algumas versões mais modernas dos contos, quando ela perdoa e dá apenas um castigo para aqueles que trataram mal por todo o tempo em que jovem viveu com elas (madrasta e filhas).

Diante disto percebemos que tanto o conto da Cinderela como outros oferecem ao educador subsídios para que esta possa trabalhar com o educando além da fantasia e imaginação o que é próprio da infância, questões relacionadas à realidade cotidiana em sala de aula e na vida fora da escola no lar ou comunidade em que a criança está inserida. Tais quais estão presentes em outros contos como “Peter Pan” que mostra coragem de um menino de sonhar e busca para alcançar seu objetivo, “A Bela e a Fera” que apresenta questões relacionadas ao preconceito à aparência física e a busca pela beleza interior do outro e “Pinóquio” que mostra o que poderá causar uma desobediência e a mentira, a força que tem um desejo no caso de Pinóquio torna-se igual a seu pai e amor que ele tem pelo Jépeto.

Todas estas questões poderão ser tratadas com mais facilidades com uma discussão sobre as questões presentes nos textos lidos, pois como afirma Chalita (2005 p. 12) “Textos que nos ensinam, a cada leitura algo novo essencial ao nosso crescimento e amadurecimento”.

Os contos de fadas possuem textos gostosíssimos de ler e cheios de sonhos e fantasias e por isto estes são muito conhecidos pelas crianças mesmo aquelas que ainda não sabem ler já conhecem estes contos, pois já são ouvintes de

seus pais ou de outros membros da família porque é algo que passado de geração para geração.

Estas narrativas são cheias de texto que permite ao leitor viagens maravilhosas por mundos distantes, cheias de fadas, bruxos, princesas e príncipes que tem o objeto de vencer obstáculos que os impedem de viver a felicidade plena. E assim nos contos de fada o bem sempre vence o mal, por isto este gênero textual exerce um fascínio sobre seus leitores sejam eles adultos, jovens e crianças, pois não há que tenha lido um conto e não tenha tirado deste alguma lição de vida ou tem se identificado com um de seus personagens além de permitir ao leitor várias formas de interpretação e trata de sentimentos como amor, ódio, medo, desejo, ambição e tristeza, a exemplos dos contos dos irmãos Grimm, como Joãozinho e Maria, A pequena Sereia e entre outros.

3.3 Fábula

Esta modalidade textual é uma narrativa muito conhecida, que apresenta situações vivências por animais que falam, e assumem o papel do homem que às vezes compostos por personagens homens e animais nos quais os animais podem falar se expressar e ajudar o leitor a refletir, o que acontece nas estórias mais atuais as chamadas de nova fábula.

A fábula nasceu no Oriente, foi reinventada pelo filósofo grego Esopo que era um escravo liberto no século VI a.c., depois surge outro fabulista também escravo liberto que era natural de Pierre Macedônia, Júlio Phederus conhecido como Fedro (30 a.c. a 44 s.c.).

Fedro foi responsável pela introdução da fábula na literatura latina, já no século XVI, La Fontaine introduziu a fábula na Europa traduzindo e renovando aquelas que já haviam sido escritas por Esopo e Fedro. Além de La Fontaine encontramos várias outros fabulistas como, Gay (Inglaterra), Pignat (Itália), Krelov (Rússia) e já no século XIX temos Henrique O'meil o maior fabulista do Período Romântico.

Neste período a fábula apresentava-se com seres animados, como animais, objetos inanimados que ganhavam vida nas estórias, esta modalidade tinha o objetivo de satirizar e criticar situações cotidianas em que animais assumem atitudes humanas o que fica evidente nas palavras de Carvalho:

Todas essas fábulas são moldadas pelo espírito clássico, constituindo verdadeiras armas satíricas; críticos de caráter e de costumes em que os animais retratam os vícios e as maldades do homem.
(CARVALHO, 1982, p. 44)

Percebemos aqui que a fábula clássica era uma forma de expressão crítica da realidade, porque esta tratava das relações e apropriava-se de personagens animais para falar das mazelas da humanidade e satirizar as formas de poder em que um dominava, tinha poder e voz e outro obedecia, vivia na miséria e era escravizado, perdendo assim o caráter educativo e desta forma representando uma leitura mais voltada para o público adulto do que para o infantil.

Tal concepção começa a mudar a partir do século XIX quando a fábula passa a mostrar o animal personagens no seu habitat, ainda que tratando de questões relacionadas a humanidade, mais envolvida num cenário cheio de beleza com uma floresta e animal falante mais sem perder sua natureza, claro que na essência ainda há uma crítica ao que existe de ruim na humanidade, mais de forma amigável e construtiva, tornando-se assim acessível a criança e despertando seu interesse por este tipo de leitura. Os principais representantes de autores da Fábula Nova são: Tomás Ivate (Fábulas Literárias), Telex Sá Mancego (Fábulas Morais), Anderson, o mais famoso deles Walt Disney. Aqui no Brasil os autores que mais se destacaram foram Joaquim Teixeira e José Correia de Almeida e um dos grandes destaques Monteiro Lobato.

Dentre estes podemos destacar dois grandes autores, Walt Disney o criador de fábulas animadíssimas que chama atenção de todas as crianças pelo carisma, pelo nome dos animais, pela fantasia e magia que contém em suas estórias como: O Pato Donald pirracento irritante e de voz rouca), Mickey Mouse e Mini (dois ratinhos muito fofos), tio Patinhas (um pato milionário) e tantos outros. E

por fim o incomparável e brasileiríssimo Monteiro Lobato que encanta os pequenos pelo bom humor, magia de suas personagens, pela surpresa e leveza presente em suas obras além de envolver a própria criança em suas histórias, através da boneca Emilia das demais personagens por isto as obras de Lobato exercem um fascínio sobre o leitor, como diz Carvalho (1980, p.89). "Lobato não é para ser transmitido; é para ser lido, vivido e sentido." Com isto percebemos que as fábulas de Lobato envolve a criança nas histórias que conta e as fazem viajar e de certo forma ainda que interiormente toma parte da histórias que ele conta.

Monteiro Lobato foi o criador da fábula moderna aqui no Brasil escrevendo histórias, adaptando outras como A cigarra e a Formiga de Esopo e dentre tantas outras obras mais famosas e que prende atenção de muitas crianças é o Sítio do Pica-Pau Amarelo com suas personagens divertidos, cheios de astúcias e muito inteligente como o caso de Visconde Sabugosa (um boneco de sabugo), Rabicó (o porco), Emilia (a boneca de pano) e entre tantos outros.

A fábula moderna tem um objetivo diferente da clássica pois estas apresentam histórias voltadas para o público infantil, mais divertidas, seus personagens ainda assume o papel humano, mas sem perder sua essência de animal irracional, e é apresentada em cenários que mostram o habitat natural dos animais, além de trazer no final sempre uma lição de vida para o leitor. Por isto a nova fábula assume um caráter educativo diferente da clássica possibilitando ao educador trabalhar com esta modalidade objetivando auxiliar o educando na sua relação com outros, e com sentimento como amizade, amor, preconceito, solidariedade e respeito.

3.4 Lenda

A lenda é uma das manifestações culturais mais populares do folclore brasileiro por isto ela é muito conhecida entre as crianças e adultos, porque durante muito tempo ela foi usada pelos pais para fazer com que as crianças obedecessem pelo medo que causava nos pequenos.

Esta é uma narrativa muito antiga que passou de geração para geração, geralmente é um relato feito oralmente em que o imaginário predomina sobre o real, e que varia de acordo com o país, a região na qual se originou a exemplo da lenda da caipora que é oriunda da mitologia Tupi, e os primeiros relatos, são da região sudeste, datando da época do descobrimento, depois tornou-se comum em todo o país, sendo uma dos campeões de popularidade entre os Tupis Guaranis, conhecida também como "Anhonga" um ser maligno que causava doenças ou mortes dos índios, já em outras regiões como nordeste a Caipora assume a forma de uma mulher que pula uma perna só ou um homem que fuma faz as crianças perderem-se na mata.

Além desta existem várias outras como: A Vitória Régia de origem amazônica, O Lobisomem de origem nordestina, a origem das Estrelas Centro-Oeste e o Saci originado da região sul e dentre tantas outras.

A lenda é uma expressão cultural do folclore muito presente na escola, em especial no mês de agosto quando comemora-se o dia do folclore, por isto ela oferece ao educador a possibilidade de trabalhar cultura popular como também as variações regionais e ainda a relação entre o que é imaginário e real, por ser um gênero textual muito variado em que predomina o fantástico e irreal.

CAPÍTULO IV

4. Metodologia

4.1 Estudo de caso

A presente proposta será desenvolvida através de uma pesquisa estudo de caso, que segundo Gil apud Matos (2002, p.46) “[...] é uma prática simples que oferece possibilidades de redução de custos, apresentado como limitação a impossibilidade generalização de seus dados.”

Pretendemos assim trabalhar e estudar questões relacionadas a um único tema, sobre o qual objetivamos adquirir um conhecimento mais abrangente e constatar de que forma este se dá no cotidiano do educando e do educador o que faremos de acordo com o que diz Roese apud Matos:

Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e conseqüentemente aprofundamento seus aspectos.
(ROESE apud MATOS, 2002, p. 45,46)

Desta forma nos deteremos a pesquisar e analisar apenas um objeto de estudo buscando obter todas as informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Tal investigação será realizada na E. E. E. F. Antonio Teodoro Neto, com os educandos e educadores do primeiro ano Fundamental I. Para tanto faremos coletas de dados através de observação que segundo Matos (2002, p.58) “[...] é uma técnica muito utilizada [...] mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos a delimitação do problema e delineamento da pesquisa.”

Como vimos esta técnica é bastante simples e apresenta uma facilidade para o investigador porque ela possibilita um contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo, ou seja, os envolvidos.

Além desta também teremos como instrumento para a realização da pesquisa, o questionário que é uma técnica que não exige a presença do investigador como afirma Matos (2002, p. 60) “essa técnica de investigação consiste em que sem a presença do pesquisador o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) [...]”.

Questões estas que serão aplicadas aos educadores e educandos sendo que o formulário do professor será composto por questões subjetivas que dará ao mesmo tempo a possibilidade de expressar-se livremente e o do aluno por questões objetivas de múltiplas escolhas, dado a idade e o nível de escolaridade que possuem.

Ao adotarmos esta técnica podemos obter informações sobre os envolvidos na investigação que não pode ser percebido na observação, pois através desta poderemos dar aos investigados a opção de expressar seu ponto de vista sobre o tema que está sendo abordado como instrumento de pesquisa, nos fornecendo dados que possam facilitar e auxiliar nossa análise diante do objeto de estudo.

4.2 Questionário do Professor

A análise de dados foi realizada com os educadores e educandos através de questionários que foram aplicados na E. E. E. F. Antonio Teodoro Neto. Momento em que os questionários dos professores exigiam dissertação a respeito do tema abordado, que contavam com onze questões, já os questionários dos alunos apresentavam questões objetivas para facilitada a aplicação e o entendimento das crianças levando em consideração o nível de aprendizagem e idade dos alunos.

Não podendo deixar de ressaltar que além destas também utilizamos a técnica de observação onde tivemos a possibilidade de manter um contato direto com nosso objeto de pesquisa.

Os questionários foram aplicados com 4 professores, A, B, C e D do ensino fundamental I sendo que 3 possuem Licenciatura Plena em Pedagogia e 1 concluindo o curso de Licenciatura Plena em Letras, todos com o tempo de exercício profissional na constituição variando entre 5 e 15 anos de trabalho docente.

Na primeira questão quando foram questionados sobre a prática de leitura em sala de aula, os educadores A, B e C responderam que desenvolveram a prática de leitura através de materiais que despertam o interesse de seus alunos que vão desde livros didáticos até as mais diversas modalidades textuais. Sendo que apenas o professor D que trabalha com uma turma de educação infantil, trabalha o texto através da oralidade, com conotação, com histórias e ainda com recursos áudio visuais, e depois pede que as crianças expressem sua leitura através de desenhos. O que conforme Abramovich:

Ouvir história é viver um momento de gostosura de prazer de divertimento dos melhores... Encantamentos, maravilhamento, sedução...o livro da criança que não lê e a história contada.
(ABRAMOVICH, 1998, p. 22-23)

Com relação à segunda questão, quando questionada sobre a visão que tenham do trabalho com a literatura infantil, os professores responderam que a viam como uma importante fonte de leitura para fazer com que o educando tenha contato com o mundo dos livros, com as mensagens que estes trazem para a vida real e além de facilitar a aprendizagem do aluno.

Coelho colabora com esta idéia quando afirma:

[...] o livro infantil é entendido como uma mensagem (comunicação) entre um autor... e o leitor criança nesta situação o ato de ler (ou ouvir) pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem. (COELHO, 2000, p.31)

Com isto percebemos que ter contato com a literatura infantil, o educando além de ouvir momentos prazerosos de leitura, também adquire aprendizado lingüístico e faz uma troca de experiência entre autor/leitor.

No tocante a terceira questão ao serem questionados sobre como estimulariam os alunos a lerem atualmente, os educadores afirmaram que procuravam para sala de aula leituras que chamassem atenção das crianças para que possam refletir e divertir-se ou ainda fazendo do momento de leitura algo prazeroso.

Como diz a professora B:

“Busco levar livros que chamem atenção das crianças para que elas tenham vontade de participar da leitura, sintam-se como parte dela e vivencie o momento como um diálogo entre ele e o autor, ainda fazendo deste contato com o livro um encontro gostoso.”

Estas idéias se assemelham as de Yenes e Pondê quando afirmam que:

[...] O texto literário denota a condição de criador no leitor, já que ele, recebendo a palavra do outro, é convidado a expressar seu sentimento sua razão [...] Mais ainda no diálogo da leitura lúdica [...] A leitura, permitindo extrapolar os limites de leitura de “invenção”, expressiva proporciona o desenvolvimento do mundo a revelação do próprio sujeito e garante permanente prazer de ler.
(YUNES E PONDÊ, 1988, p.61-62)

De acordo com isto podemos observar que a leitura permite ao leitor a recriação da história e participação destes lhes garantindo o direito de expressar sentimentos, tornando o momento de leitura em algo que possibilite a este criar um mundo do qual faz parte encontrada assim o prazer do ato de ler.

Na quarta indagação ao perguntarmos aos educadores que artificios usariam para despertar a curiosidade dos alunos, antes de começaram a contar uma história. Os educadores A, C e D responderam que fazem comentários sobre a história que vai contar deixando um ar de mistério e a educadora B disse:

“Levo uma caixa surpresa para chamar a atenção deles, começo a contar a história tirando os personagens um a um da caixa conforme vou contando a história.”

O que segundo Abramovich (1998 p. 21) “É bom que quem esteja contando (história) crie um clima de envolvimento de encanto [...] respeitando o tempo do imaginário de cada criança [...]”.

O que fica claro é que é interessante que crie-se um clima que faça a criança envolver-se na história fazendo parte daquele momento que mantenha todos presos a história e vendo-se como seus personagens, vivenciando o que está sendo narrado pelo professor.

Nas questões cinco e sete por serem questões semelhantes, os professores deram respostas parecidas quando foram questionadas sobre como as crianças se portariam e como se mantinham atentos durante a narração da história, os professores responderam que elas ficam quietas prestando atenção, mas em alguns momentos dispersam, porém estes fazem um pequeno suspense para que voltem a prestar atenção.

O que podemos observar na afirmação da professora B:

“Se portam bem, prestando atenção ao que falo, em especial quando utilizo a caixa surpresa com os personagens ou dramatizo com eles.”

O que de acordo Elizagaray apud Abramovich (1998 p.20) “O narrador tem que transmitir confiança, ativar a atenção e despertar admiração.”

Desta forma o narrador prende a atenção e desperta na criança o interesse, fazendo com que fique curiosa para saber o que vai acontecer, e ainda quem conta histórias tem que conhecer muito bem o livro que vai ler para ler claro se ele vai chamar a atenção do aluno e que artifícios precisam utilizar para isto.

Dando continuidade ao questionário, quando perguntamos aos educadores que artifício usava para não quebrar o encanto que foi criado durante a história, depois que terminam de contá-la, os educadores responderam que utilizavam artifícios simples como, pedir a criança que se coloquem no lugar do

personagem e escreva um pequeno texto, para os que não sabem escrever como alunos da professora D, ela solicita que eles façam desenhos ou expressem-se oralmente.

Mas segundo Abramovich (1998 p. 20) “É bom saber dizer que a história acabou dum jeito especial e assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra quem quiser que conte outra”...

É mostrar a crianças que o que ouviu está impresso num livro e que ela poderá voltar a ele tantas vezes quanto queira.

Percebemos então que é interessante que o professor crie um jeito de terminar a história para que o encanto não se quebre. Apesar dos educadores questionados utilizarem de formas diferentes de terminar de contar a história não quer dizer que estejam errados, mais que foi o jeito que encontraram de terminar a contar e o que suas turmas se adaptaram.

Na oitava questão que trata dos critérios de seleção dos livros para serem trabalhados com os alunos, três respostas me chamou atenção, a da professora A que diz:

“Antes de tudo é importante que professor conheça as histórias que irão contar para um a discussão posterior e um melhor aproveitamento.”

E das professoras B e C: que dizem que buscam selecionar livros que estejam de acordo com a realidade vivenciada pelo aluno e com seu meio cultural e social, atendendo-se para o conhecimento prévio dos educandos.

Abramovich (1998, p. 98) colabora com esta idéia quando diz: “A criança dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto...”

Portanto, o professor precisa está preocupado com o momento vivenciado pela sua turma, sendo assim estes devem estar atentos e saber que podem ser

abordados por seus alunos e se estes vão interessar-se pela leitura que vai ser trabalhada na sala de aula.

A questão nove onde perguntamos aos professores se quando escolhiam os livros de literatura infantil que iam serem lidos em sala de aula, tinham a preocupação com o momento que a turma vivenciava com a realidade de seus alunos, os educadores deram a mesma explicação que foi dada na oitava questão.

Com relação a penúltima a serem questionadas sobre a utilização da história infantis como facilitador na aquisição da leitura e da escrita, três das quatro professoras disseram apenas que sim.

A professora B respondeu que:

“Com certeza, afinal desenvolve a oralidade a qual facilita a aquisição de conhecimentos, onde faz surgir o interesse pela leitura e o despertar da escrita, corretamente pelas suas metas a serem alcançados e superados.”

Segundo Carvalho (1960 p. 163) “A literatura, transmite-se pela leitura e a sua primeira finalidade e a de conduzir a criança na arte de ler, tirando proveito da aprendizagem da boa pronuncia, da articulação.”

Desta forma percebemos que o trabalho com a literatura não precisa e nem deve ter o objetivo apenas lúdico, podendo ser utilizado também como uma atividade que auxilia no aprendizado do educando, valendo salientar que a prática de leitura não pode tornar-se uma obrigação, pois a criança deve sentir no ato da leitura algo que lhe dê prazer.

4.3 Questionários dos Alunos

Os questionários foram aplicados com apenas onze educandos do primeiro ano do Ensino Fundamental I, a sala é composta por alunos com idade variando entre seis anos e meio e sete anos completos. Para dar início ao trabalho com

os pequenos iniciamos com uma conversa sobre o tema o qual eles mostravam-se interessados, o que resultou em uma conversa com a participação dos educandos.

E quando indagamos sobre as histórias infantis que conheciam ou desejavam conhecer, estes mostraram que das treze histórias citadas, a maioria conheciam entre dez e onze, o que podemos constatar que é bastante interessante quando tomamos como referência a forma como Carvalho (1982, p. 48) ver o trabalho com a literatura infantil. “[...] pela Literatura conseguimos despertar as crianças para valores estéticos e humanos, a par da recreação além de oferecer entrosamento, recreação e aprendizagem.” Desta forma percebemos que o trabalho com as histórias infantis poderá ser usado como um facilitador da aprendizagem do educando e despertar nestes o interesse pela leitura.

No tocante a segunda questão quando questionamos em que lugar eles costumavam ouvir mais história, a maioria das crianças responderam que ouviam mais histórias na escola. Isto se dá pelo fato de que tanto a escola como a literatura, visa a formação das crianças como leitor e como indivíduo parte de uma sociedade o que conforme Zilberman (1994 p. 21) “... tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltados a formação do indivíduo ao qual se dirigem.” Com isto a escola passa se utilizar da obra literária objetivando formar o indivíduo e por consequência um leitor, tornando-se assim para o educando um lugar onde o encontro com o livro ocorre com freqüência, ao contrário do que acontece em alguns ambientes familiares, ou seja (em casa).

Na terceira questão ao serem questionados com relação a pessoa que costumava contar histórias para eles. Os educandos responderam que só professor era quem mais narrava histórias, sendo que apenas algumas mães também liam historinhas para eles. Com isto fica claro que os pequenos estão habituados a ouvir histórias narradas pela pessoa do educador o que para estes representam momentos gratificantes, segundo Abramovich (1994 p. 24) pode ser “uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais

abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é o que decorre do ouvir uma boa história quando bem contadas.”

Já na quarta questão percebemos que em casa não há o hábito de leitura, conseqüentemente a família não costuma trabalhar a leitura deixando a responsabilidade apenas para a instituição escolar, o que é uma pena tanto para a família que perde a oportunidade de vivência, um momento prazeroso de leitura com os filhos, como também para o educando que só tem contato com os livros no período em que está na escola, pois de acordo com Bomtempo:

O envolvimento dos pais no trabalho com a literatura infantil é muito importante. Dentre as finalidades desse envolvimento destaca-se a valorização do livro pela família que, muitas vezes, faz pouco uso da leitura e conseqüentemente não influencia seus filhos. Fazer do livro um amigo da família é forma de levar diferentes modalidades de linguagem para o convívio diário do aluno e de oportunizar-lhe o contato fora da escola com o belo e imaginário...
(BOMTEMPO, 2005, p.9)

Com relação a quinta e oitava questão as crianças ao serem questionados primeiro sobre seus personagens preferidos e depois sobre quem imaginavam ser quando estavam brincando, deram a mesma resposta, dizendo que preferiam e imaginavam ser na hora da brincadeira. Seriam heróis no caso dos meninos e as meninas preferiam e seriam princesas. Com isto percebemos que além de mostrar a preferência pelos personagens que as histórias trazem como principais e bonzinhos o educando ainda deixa fluir o imaginário tornando-se parte da estória, algo possibilitado em especial pelo conto, estórias que facilitam o exercício da imaginação, pois de acordo com Chalita:

As histórias nos permitem conhecer e criar mundos fantásticos, repletos dos seres mais extraordinários e das emoções mais diversos... sem elas, a infância, a adolescência, a juventude ... estaria condenados a ocupar um palco sombrio, triste desprovido de atores verdadeiramente apaixonados. (CHALITA, 2009, p. 10)

Na sexta questão que é um questionamento bem atual e uma grande fonte de reclamações dos professores, questionamos aos educandos a respeito do que preferia fazer quando estava em casa, onde demos três alternativas: A - ler um livro, B – ver TV e C – navegar na INTERNET, quase todos os alunos responderiam que preferem ver TV ou navegar na INTERNET, deixando assim

a leitura em último plano, pela facilidade que a tecnologia proporciona, diferente do livro que a criança precisa ler página por página para compreender as histórias que eles contam e isto se dá conforme Girardelle (2005 p. 31) pelo fato de que “o conteúdo da televisão é incorporar a brincadeira heróis e heroínas e aventuras da TV são usados como matéria-prima para a vida de fantasia das crianças.”

Na sétima questionamos o educando sobre o gosto pela leitura, perguntamos a eles se gostavam de ler, a maioria deram respostas afirmativas para o questionamento. Mas percebemos que enquanto no sexto questionamento eles afirmaram que entre TV e computador e a leitura preferem as tecnologias. Por isto é preciso fazer com que a crianças gostem de ler, não é tarefa fácil, Carvalho vem corroborar com esta idéia quando afirma que:

Levar a criança a ler, apenas, não é o bastante para formar o hábito de leitura, que permanece e acompanha a criança ao longo da vida, como uma fonte de prazer e mesmo uma necessidade vital. Para tanto, é preciso conscientizá-la dos valores que ela desperta tornar a leitura interessante aos olhos da criança como uma fonte de surpresa e descobertas. (CARVALHO, 1982, p. 197)

Na penúltima questão fizemos o seguinte questionamento “em que dias da semana sua professora conta histórias? Nesta todas as crianças responderam que ouviam histórias todos os dias o que para Bomtempo:

A prática... de leitura diariamente é de importância para crianças, não sendo necessário atividades escritas. O professor seleciona e organiza um rol de textos interessantes para que o aluno possa fazer suas escolhas... (BOMTEMPO, 2005, p.9)

Desta forma o educador deverá utilizar-se da prática de leitura, todos os dias, mais sem que isto torne-se uma rotina desinteressante para o educando e ele fique desestimulado, perdendo o interesse pela leitura, vivendo este momento como uma simples obrigação a ser cumprida.

E finalmente a última questão em que questionamos os pequenos, perguntado-lhes se eles quando ouvia histórias imaginavam-se como algum personagem da história narrada pelo professor, todos os alunos responderam que

imaginavam-se como heróis, príncipes e princesas e isto torna a história interessante porque enquanto o professor está narrando os pequenos ficam se colocando através do imaginário como parte da história o que segundo Zilberman (1994 p. 93) é "... pela presença do elemento fantástico que a imaginação adquire vida... exercendo a representatividade esperada..." Com isto a criança adquire através do imaginário, a simbologia que precisa para compreender o que o texto deseja passar e ensinar, que mensagem ele poderá tirar e levar para a sua realidade.

4.4 Vivência e Convivência

Este foi desenvolvido na E.E.E.F. Antonio Teodoro Neto, com a turma do 1º ano fundamental, onde permanecemos durante um mês, realizando um trabalho prático como professores, objetivando com isto por em prática os pontos principais abordados durante a pesquisa do tema "Literatura Infantil", a qual buscamos articular aos conteúdos. Além de adquirirmos experiência na profissão que escolhemos, praticando com o educando tudo aquilo que adquirimos teoricamente.

O primeiro dia como professores foi um misto de emoção e ansiedade, diante dos pequenos que nos observam atentamente, por isto antes de iniciarmos a aula, realizamos uma roda de conversa, onde foram feitas as apresentações e explicamos o motivo de estarmos presentes na escola. Visando uma maior interação entre professor-aluno propomos o desenvolvimento de uma dinâmica a do "Sorteio" que exigia, a participação de toda a turma e do professor onde os participantes, recebiam uma caixa e a entregava a outro colega, destacando sua principal qualidade.

Nesta atividade pudemos perceber o quanto as crianças se envolvem e se entrosam na hora da brincadeira, pois emitiram características, aos colegas e aos professores, com facilidade. Com término do primeiro momento demos início a exposição dos conteúdos propostos.

Durante a primeira semana as crianças mostraram-se bem agitadas, por causa da nossa presença, contudo participaram ativamente de todas as atividades em especial das rodas de conversa, em que ao término da leitura de um livro, os alunos eram convidados a emitir opiniões.

Fechando a semana realizamos atividades de revisão de alguns conteúdos, algo que é norma da escola e optamos por fazer uma aula diferenciada, para tanto montamos no pátio da escola, um teatro de fantoches e contamos a história de “Chapeuzinho Vermelho” com a participação da turma do segundo ano. Ao final aí realizada mais uma roda de conversa, neste momento pudemos observar, o entusiasmo dos pequenos e como este tipo de atividade pode ser relaxante, proveitosa, e ainda dá aos educandos a possibilidade de participar da história e de descobrir nas entrelinhas algo que possa trazer para a vida real, como afirmam Yenes & Pondé:

O texto ficcional, mesmo tendo princípio, meio e fim, mesmo sendo história que se narra, refuta a superficialidade das seqüências aparentes e procura dar conta da complexidade do real através do discurso. Além da intextualidade, trabalho deliberadamente com o implícito, com pressupostos e subentendidos, de modo que abra resta aberta e, nesse sentido indeterminada, incompleta as, assim como o sentimento de realidade [...] (YENES & PONDÉ, 1988, p. 60)

Com isto fica claro que o texto literário é um recurso que dá ao educador o ensejo de trabalhar, o hábito da leitura, a interpretação de texto e de buscar fazer a articulação da ficção com alguns fatos da realidade, ajudando o educando a refletir e repensar suas próprias atitudes. Esta modalidade textual ainda oferece para o leitor, uma leitura gostosa, prazerosa, relaxante e que de alguma forma se encaixa no mundo fantasioso dos pequenos.

Na segunda semana as crianças já estavam mais habituados com os novos professores, além deste iniciamos com uma contação de história, atividade que os pequenos adoram, trabalhamos um conto para a partir desta introduzimos a divisão da história em começo, meio e fim. Este tipo de atividade não é novidade para a turma, porque a escola já realiza um trabalho com literatura infantil que é chamado de “Hora da História”.

Durante esta semana grande parte das atividades envolviam a leitura como: a contação, a roda de conversa e a transcrição da parte principal da história lida, oportunizando a prática de leitura e o desenvolvimento da capacidade de interpretação de textos e da inclusão de toda a turma na aula, fazendo desta uma troca de idéias entre professor e aluno. Com isto conseguimos constatar que os educandos ficam bastante interessados e participam mais ativamente do processo de ensino-aprendizagem, mesmo aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade na leitura, algo que ocorre com alguns alunos da turma, em parte, porque as crianças só a praticam no momento em que estão na escola e com a ajuda do professor. Os PCNs vêm corroborar com esta idéia, PCNs (2001 p. 54) "Um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente."

Sendo assim a formação de um leitor capaz de lê, de compreender e de interpretar o que leu, necessita de uma prática diária, e que esta não faça parte apenas da rotina escolar, como também do convívio familiar, o que não é freqüente nas atividades extra-escolares destes alunos. Aqui podemos dizer que uma das formas de desenvolver tal prática são as atividades realizadas durante esta semana onde as crianças tiveram oportunidade de participar, lendo, ouvindo, expondo opiniões e discutindo as atitudes dos personagens das histórias lidas por eles ou pelo professor.

A terceira semana foi tranqüila e na sala já havia uma rotina, criado por nós, as atividades foram mas comuns ao cotidiano da turma e voltadas aos conteúdos como: localização de datas importantes no calendário, aula que foi bastante dinâmica, pois estávamos em um período em que haviam duas datas muito especiais em nossa cidade Sousa, o feriado de sete de setembro e oito o dia da padroeira da cidade "Nossa Senhora dos Remédios e isto fez com que a aula ficasse bem participativa.

O restante desta semana foi dividido entre as disciplinas de português e matemática na primeira disciplina trabalhamos com a recontagem de histórias e revisões. Destas atividades achamos importante ressaltar que a recontagem é

um recurso que o educador, pode fazer uso, para auxiliar o educando a desenvolver sua capacidade de interpretar textos, além de conseguir prender a atenção dos pequenos na história narrada e facilitar para o ouvinte a aprendizagem de produção textual, recontando contos, fábulas e dentre tantos outros textos, com quais os alunos convivem, destacando tudo o que acharam interessantes, até mesmo modificando o final, o meio ou as características dos personagens, construindo assim sua produção textual escrita ou oralmente. Os PCNs vêm concordar que tal idéia quando afirmam:

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permitam recriar, criar, recriar as próprias criações. É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. (PCNs, 2001, p. 76)

Desta forma quando realizamos, atividades como estas, favorecemos o desenvolvimento das capacidades de criação e recriação de textos pelos alunos, para que com isto os educandos tornem-se além de leitores, escritores competentes. E para tanto decidimos realizar as atividades de recontagem com a participação de todos, onde cada um deveria recontar um conto lido em casa a seu modo, apresentando a sua visão da história e de seus personagens.

Nos últimos dias em que estaríamos na escola, todas as atividades foram mais comuns ao cotidiano dos pequenos, contudo aqui decidimos dar um destaque especial aos trabalhos com a literatura, já que teríamos novamente aulas de leitura e interpretação.

Desta forma resolvemos levar para o cantinho da leitura alguns livros infantis, fazer uma leitura coletiva, preencher a ficha de leitura que contava com perguntas sobre o autor da história, e com uma parte onde a criança iria criar o final que considerasse mais interessante. E ainda buscamos fazer a articulação das histórias lidas, com os conteúdos a exemplo disto, para introduzir os gêneros do substantivo, utilizamos o conto "João e Maria", para facilitar a aprendizagem do feminino e do masculino ou a atividade de produção de texto,

no qual utilizamos a fábula “A raposa e a cegonha” como base para que os alunos deixassem fluir sua imaginação. Algo que foi feito após a uma leitura prévia, e de uma discussão.

Com isto solicitamos que os alunos recontassem a história da forma que desejassem, com as modificações necessárias e apresentando sua opinião sobre as atitudes dos personagens, que neste caso não eram tão corretos para duas amigas, o que mostra este pequeno trecho da fábula traduzido por Reis (2001, p. 3) “Uma raposa que morria de tédio, sozinha em sua toca, e, para se distrair um pouquinho resolveu convidar a cegonha para almoçar e dessa forma aproveitaria a oportunidade para pregar-lhe uma peça”.

O trabalho com esta fábula ficou muito interessante porque o enredo nós dá a possibilidade de discutir, questões de convivência, de respeito às dificuldades do outro, a amizade e o sentimento de vingança, fazendo com que o leitor reflita. No caso da atividade que propomos para os alunos os fatos expostos no texto, facilitaram a produção do texto, por serem comuns a realidade deles na questão da convivência com os colegas e suas diferenças. Isto nós faz concordar com o Coelho (2000 p. 15) [...] “parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto o que a literatura permite.”

O resultado desta atividade foi excelente por que toda a turma conseguiu fazer a produção, expondo opinião e modificando as atitudes erradas dos personagens, jogando-as e corrigindo-as. Até mesmo aquelas crianças que ainda tenham dificuldades na escrita produziram seu texto através de desenhos.

Desta forma como educadores achamos importante destacar o quão pode ser enriquecido uma atividade de leitura desenvolvida através de textos literários, que apesar de lidar com fatos imaginários (irreais), trazem sempre subtexto nas histórias, que contam, algo que poderá ser trazendo para a vida real e nos ajudara a corrigir ou refletir sobre atitudes cotidianas como afirma Chalita (2002,p.26): “Nos históricos encontramos ensinamentos que nos libertam a ao

mesmo tempo, nos habilitam a lutar pela liberdade [...] prisioneiros de sua extrema ignorância ao não enxergar o real sentido e a verdadeira beleza da vida”

Esta é ainda a uma modalidade textual mais acessível à criança, prende suas atenções e a torna, mas prazerosa.

Finalizando o trabalho prático na escola e nós despedindo da turma realizamos, mais uma dinâmica a “Festa das Cores” com o objetivo de integrar todas em uma atividade divertida que busca desenvolver, a aceitação, a valorização e o respeito às diferenças. A dinâmica consiste em formar um grande círculo na sala e distribuir aleatoriamente, cartões de cores diferentes, feito isto o professor começa a ler uma história que inicia-se da seguinte forma:

“Certo vez num reino encantado, num dia muito especial, o rei dourado convocou todas as cores para uma grande festa.”

No decorrer da leitura o leitor vai citando os nomes das cores uma a uma, conforme a cor for mencionada a pessoa que há possui, dará um passo a frente e apresentará a frase escrita no cartão, podemos citar por exemplo a cor verde: na qual está escrito.” *Meus amigos, viver em paz e ser solidário é abraçar as pessoas, desejando a eles todo o bem, com um simples gesto, sem malícia, sem inimizada”(verdes distribuem abraços)”*

E assim prosseguiu a atividade com a participação ativa de todos, Nesta podemos perceber o entusiasmo e a felicidade das crianças ao participarem da brincadeira. Com o término desta e aproveitando o clima descontração, achamos por bem, explicar para os pequenos que no dia seguinte a professora titular da turma voltaria a presidir as aulas, falamos de como foi gratificante ter estado com eles durante um mês e que sempre lembráramos de seus rostinhos inocentes e curiosos nos observando.

Chegando ao fim o nosso primeiro momento como educadores, podemos dizer que esta foi uma experiência enriquecedora, onde tivemos a oportunidade de

realizar um trabalho que nos fez sentir o quanto e árdua a tarefa de educar, o quão é importante que ela seja realizada com amor e dedicação para formarmos cidadãos conscientes e autônomos. Além de vivenciarmos um pouco do cotidiano de uma sala de aula, ainda tivemos a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que temos em nossa bagagem teórica.

4.5 Caracterização da Instituição

A Escola Estadual de Ensino Fundamental “Antonio Teodoro Neto” localiza-se na Rua Vereador José Formiga S/N, Conjunto Augusto Braga na cidade de Sousa, Paraíba.

A escola em evidência tem sua origem no ato generoso do jovem advogado “Antonio Teodoro Neto” que tinha um terreno nessa localidade, pensando na comunidade doou esse terreno que pertencia a sua família para beneficiar as crianças que ali viviam.

Inicialmente, a instituição, depois de construída, no governo de Wilson Braga, passou um longo período sem funcionamento. Contudo, a comunidade, sentindo a necessidade partiu para a luta. Com firme propósito uma turma de professores emergenciados, com força e determinação de verem funcionando aquele local privilegiado foram em busca de recursos pedagógicos.

Com toda essa dedicação ainda enviaram abaixo-assinados as autoridades competentes para que fosse autorizado o seu funcionamento. Tornando realidade o sonho esperado por todos da comunidade do Mutirão. No dia 12 de Julho de 1988 a escola começou a funcionar mesmo precariamente. Contudo a sua criação só foi oficializada em 04 de Julho de 1989, data em que foi publicado o Decreto Estadual nº. 13.169 na imprensa oficial do estado, determinado definitivamente a sua criação.

Quanto a sua determinação, já em 10 de Outubro de 1985, após aprovação da Assembléia Legislativa, o então Governador Wilson Braga sancionou a Lei

Estadual nº. 4745 que denominou de Escola Estadual de 1º Grau "Antonio Teodoro Neto".

A instituição é estadual e os cursos oferecidos são: Ensino fundamental I e II, como também os projetos Se Liga, Acelera, a base é fundamental, A EJA Educação Jovens e Adultos.

A escola é uma construção sólida, como muito espaço físico e têm a capacidade de atender turmas nos três turnos. Possuem 12 salas de aula, 04 dependências administrativas, 12 banheiros, depósito para merenda, uma cantina e área coberta para lazer, além de uma grande quadra de esportes com arquibancadas e alambrado. As dependências da escola não estão em bom estado de conservação, necessitando de uma reforma para melhorar o seu funcionamento. Enquanto a reforma não chega a instituição presta bom serviços a comunidade.

Quanto aos equipamentos, a escola dispõe: 01 computador, 01 mimeógrafo, 01 retroprojetor, 01 máquina fotográfica, 01 som, 01 DVD, 01 televisão, 01 máquina datilográfica. Na qual todos esses recursos estão em perfeito estado de conservação para uso da escola, suprimindo as necessidades existentes.

A escola dispõe de sala de vídeo, laboratório de informática e sala de leitura, necessitando de uma reforma para melhorar a qualidade da aprendizagem dos educandos faltando apenas o funcionamento dos computadores, tornando realidade um sonho dos educandos.

Na administração da escola temos 01 diretora e vice-diretor, 01 coordenadora e uma supervisora, 03 merendeiras, 09 auxiliares, 02 vigilantes, responsável pela segurança dos alunos e da escola durante as aulas e nos intervalos: secretários cuidando das documentações dos alunos responsável pelas tarefas de cada série e documentos em geral cada um desempenhando seu papel da melhor forma possível colaborando para o sucesso da escola.

A escola possui em seu quadro docente 32 professores, a maioria com curso superior, os demais estão em fase de conclusão, na instituição tem professores efetivos e prestadores de serviços. Cada um com seu papel importante transmitir conhecimentos sistematizados que contribui para o desenvolvimento intelectual, preparando os educandos para ser um cidadão para ser um cidadão crítico e atuante perante a sociedade.

O planejamento didático-pedagógico acontece de forma quinzenal com a coordenadora e a supervisora auxiliando os professores, de acordo com as necessidades dos educandos, buscando inovações para trabalhar as dificuldades encontradas pelos professores em sala de aula, procurando melhorar o processo de ensino aprendizagem e preparando de forma eficaz o cidadão para se tornar um ser crítico e pensante perante a sociedade mediante a sua realidade.

Os programas educacionais existentes na escola são: bolsa família, bolsa escola, bolsa jovem e o capacitar, estes contribuem muito para um bom desenvolvimento educacional, além de ajudar na renda familiar dos educandos é um incentivo para aprendizagem obtendo assim bons resultados no processo de ensino aprendizagem.

As dificuldades mais freqüentes para um bom funcionamento dessa escola é a falta de participação dos pais com a direção e os professores, causando assim, prejuízos aos filhos no processo de ensino aprendizagem. A maioria é de famílias não alfabetizadas que dificulta a aprendizagem dos filhos por não saberem ler e escrever. Então, surge a grande dificuldade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É mais comum ver o texto literário com inferior aos demais que circulam socialmente, atualmente este tipo de texto tem ganhado algum destaque, pois já são encontrados livros didáticos que exploram contos, fábulas, lendas, poesias e dentre tantos outros gêneros que compõem os clássicos da literatura infantil, mas ainda deixa muito a desejar, pelo fato de não ser obrigatório no ensino fundamental não existe um momento na sala de aula dedicado a literatura pelo menos nas instituições de ensino público. Além da falta de conhecimento do próprio educador desta modalidade.

Diante de tudo o que foi abordado durante o desenvolvimento da pesquisa, depois de uma longa caminhada percorrendo toda a trajetória da literatura infantil, desde sua origem nos séculos XVIII, quando ela começa ganhar espaço no meio social e cultural, passando a ser conhecida como algo criado para um público específico infantil, seguindo toda a sua evolução desde quando atendia aos interesses da camada mais privilegiada da sociedade, até os dias atuais e sua introdução no ambiente escolar, conhecendo parte de seus gêneros textuais. Percebemos que este é um tipo de texto que trata da fantasia é fruto da imaginação. Mas que esconde nas entrelinhas, um protesto, lida de forma suave e branda com os medos humanos e traz sempre nos seus enredos uma lição que se encaixam em alguma situação da vida real de seu leitor.

Esta é uma modalidade textual muito rica que oferece inúmeras possibilidades, para que o docente possa fazer a introdução de determinados conteúdos de maneira calma, mas relaxante, transmitir valores culturais, morais e sociais, desmistificando assim a visão que tínhamos da literatura infantil, inicialmente vista pelo senso comum como simples histórias bobinhos para fazer criança dormir, pôr medo nos pequenos ou para ser lida no último dia da semana e nas aulas de recreação quando o educando já está cansado e eufórico.

Conhecendo de forma mais ampla o tema ora abordado, constatamos que a literatura pode e deve ser utilizada como um instrumento propiciador para

desenvolver a prática de leitura e do prazer de ler, enriquecendo o vocabulário, despertando o gosto pelo mundo dos livros e suas histórias, fazendo o leitor refletir, além de trabalhar a questão de convivência, relacionamento e sentimentos como: medo, amizade, dor, ódio e amor. Deste modo a prática com o texto literário oportuniza o desenvolvimento de atividades bastante proveitosas para os sujeitos participantes do ato educativo, estabelece um diálogo entre autor-leitor, momento em que o educando entra em contato com as várias formas de ver o mundo na ótica dos autores e tecer discussões que tornam as aulas mais dinâmicas e participativas, onde os discentes tornam-se agentes do processo ensino-aprendizagem, pois os clássicos da literatura infantil têm grande proximidade com o mundo dos pequenos por serem constituídos em um misto de magia, fantasia, sonho e realidade.

Ainda seguindo esta linha de pensamento percebeu-se que a modalidade dá subsídios ao educador para que ele venha auxiliar o educando a formar opiniões, repensar atitudes, construir uma consciência crítica e torna-se um ser autônomo e pensante. Formando assim um leitor competente, capaz de criar e recriar os próprios textos, seguindo um modelo rico em detalhes, o que facilita a construção de outros.

Entendendo a literatura infantil nesta ótica, compreendemos o leque de possibilidades que tal modalidade oferece para os sujeitos envolvidos no ato educativo, onde todos participam ativamente em uma troca de experiência, entre educando-educador, autor-leitor afastando-se da idéia inicial do que venha ser literatura e quebrando preconceitos, acerca do tema. Algo que pudemos constatar durante o estágio quando primamos pelas atividades que envolviam o texto literário articulando-os aos conteúdos programáticos, momentos em que os discentes participavam ativamente e descontraídos expressavam-se livremente acerca do assunto abordado na história lida.

Foi neste período que buscamos aplicar na escola os principais objetivos deste estudo, observando como se dá a prática com a literatura na instituição, como são realizados as atividades em sala de aula e fora dela, que material é utilizado, como se compõem e espaço físico (sala de leitura) e como acontece

a prática de leitura por parte do educando. E assim constatamos que a prática literária não acontece efetivamente, pelo fato de ainda ser visto por grande parte dos profissionais da educação com um tipo de leitura, não tão fundamental na formação do leitor, sendo deixado sempre em segundo plano, como uma atividade complementar e deste modo ela não faz-se presente no cotidiano da escola e quando esta não é parte das principais atividades.

Diante deste cenário detectamos que o trabalho com a literatura infantil não faz parte das práticas diárias de educandos e educadores, pois estas acontecem eventualmente. No caso do educando, este fato o prejudica bastante, porque esta só ocorre na sala de aula e com ajuda do professor nos dias em que o mesmo disponibiliza para tal prática. Por isto quando estivermos em campo para pôr em prática a presente proposta, optamos por introduzir os textos de literatura quase que diariamente, nas atividades dos discentes.

Com isto conseguimos alcançar grande parte dos objetivos desta pesquisa, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da prática de leitura no ambiente escolar, para conscientização dos educadores e de todos os que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem, elencando o quão é importante desde o início da formação do leitor habitual, a presença da literatura entre os diversos textos com os quais, os aprendizes deverão ter contato durante o seu processo de aprendizagem. Nesta perspectiva um fato relevante seria a participação da família, instituição fundamental na construção de todo e qualquer ser social, pois este passa grande parte do seu dia em contato com seus componentes (pais, mães e parentes).

Um outro fato de suma importância na formação do leitor e na prática com a literatura foi buscarmos construir um alicerce seguro, para que ele veja no mundo dos livros, um instrumento de libertação, onde possa transitar sem medo, ir de encontro ao conhecimento, vivenciar aventuras, conhecer lugares nunca vistos o que somente os livros podem permitir. Contudo mesmo não sendo possível alcançar o que desejamos ao desenvolver esta proposta, deixamos uma pequena semente plantada na consciência de cada um dos sujeitos que fizeram parte desta processo, que agora só precisa ser regado par

que cresça dentro destes pequenos seres e dê bons frutos e isto poderá ser feito pelo educador, basta aguçar a curiosidade dos educandos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5ª Ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ABUD, Maria José Milharezi. O ensino da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização. São Paulo, E.P.V. 1987.

BOMTEMPO, Luiza. De olho nas páginas dos livros de literatura infantil. In Construir Notícias. Março/Abril. Recife, Construir, 2005.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica. 2ª ed. São Paulo. Edart, 1985.

_____ Compêndio da literatura infantil. 3º Ed. São Paulo. IBEP, 1960.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia do Amor: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações. 3ª Ed. São Paulo: Editora Gente, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria + análise + didática. 7ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREITAS, Valéria. O Leão e o Ratinho. Blumenau: Vale das Letras, S/A – Fábulas inesquecíveis.

GIRARDELLE, Gilka. A Imaginação Infantil e as histórias da TV. In construir notícias. Março/Abril. Recife. Construir, 2005.

LA FONTAINE, Jean de, 1621-1695. As mais belas fábulas de La Fontaine/ Ilustrações de Severino Baraldi; adaptação Rossana Guarnieri; tradução Silva Debelto Cabral Reis. São Paulo. Paulinas, 2001 – fábulas de ouro.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil Brasileira: História & História. 4ª Ed. São Paulo. Ática, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Pesquisa Educacional: Pesquisas e fontes: possibilidades de escolhas. 2ª ed, rev. e atual. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.

PCN'S, Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua. Portuguesa, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 3ª Ed. Brasília: A secretaria, 2001.

SAGAE, Peter O.. Da copa para dentro do livro: estratégias para enredar o leitor na história. In construir notícias. Março/Abril. Recife: construir, 2005.

YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. São Paulo: FTD, 1988. (Por onde começar?)

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 10ª Ed. São Paulo, 1998.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Escola _____
Formação Docente _____
Tempo de Trabalho _____

Questionário

1. Como você costuma trabalhar a prática de leitura com seus alunos?
2. Como você enquanto professor ver o trabalho com a literatura infantil?
3. De que forma você estimula os seus alunos a lerem atualmente em uma sociedade em que as crianças estão acostumadas com a facilidade da tecnologia, pois estas passam grande parte de seu tempo ligados na TV ou no computador?
4. Antes de começar a contar uma história o que você faz para despertar a curiosidade dos alunos?
5. Durante o momento em que a história está sendo narrada, como as crianças se portam? E o que você faz para mantê-las atentas e interessadas na história?
6. Ao terminar a história, que artifícios você usa para não quebrar o encanto que foi criado durante o momento em que ela está sendo contada?
7. O que você faz para manter as crianças atentas durante e depois da história?
8. Que critérios você usa para selecionar os livros que irão ser trabalhados com os alunos?

9. Quando escolhe uma história para ser narrada em sala de aula, você preocupa-se com o momento que a turma está vivenciando ou com a realidade de seus alunos?

10. Você como professor acredita que as histórias infantis poderá ser usada em sala de aula como um facilitador na aquisição da leitura e da escrita?

Escola _____

Série _____

Questionário

1. Quais as historinhas abaixo você conhece ou gostaria de conhecer?

- Branca de Neve e os sete anões
- Ursinho Pooh
- Peter Pan
- Cinderela
- Alice no país das maravilhas
- O gato de Botas
- A galinha e os Ovos de Ouro
- Chapeuzinho vermelho
- João e Maria
- Três Porquinhos
- O Patinho Feio
- O Rei Leão
- Outras

2. Em que lugar você ouve mais história?

- na escola em casa

3. Quem costuma contar ou narrar histórias pra você?

- a sua professora
- a sua mãe ou seu pai
- a sua avó ou avô
- os seus (as) tios (as)
- ninguém ler histórias para você

4. Onde costuma ler?

em casa na escola

5. Quais seus personagens preferidos?

os heróis

as princesinhas

as bruxas

as fadas

outros

6. O que você prefere fazer quando está em casa?

ler algum livro

assistir TV

navegar na internet

7. Você gosta de ler?

sim

não

8. Quando você está brincando que personagem você imagina ser?

um herói que vence bruxos e dragões

uma princesa que encontra um príncipe

nenhum dos dois

9. Em que dias da semana sua professora conta histórias?

segunda e terça

quarta e quinta

sexta-feira

10. Quando seu professor conta histórias você fica se imaginando como algum personagem dentro da história?

- () como se fosse um herói
- () um príncipe
- () uma princesa
- () uma bruxa
- () uma fada